

QUANDO O CIÚME NÃO PODE SE CONSTITUIR: ILUSTRAÇÃO CLÍNICA DO ALGORITMO DA CONSTITUIÇÃO DO DESEJO

Marie Christine Laznik-Penot

Hallil, o menino turco, é uma criança autista a respeito de quem falei e escrevi diversas vezes. Em virtude de seu autismo, Hallil havia acedido muito tardiamente ao Estádio do Espelho, e estava ainda vivendo a experiência da constituição de sua própria imagem como um todo, com a possibilidade de se situar como sujeito de seus próprios enunciados, quando sobreveio a nova gravidez de sua mãe. O que ocupava a frente da cena era o retorno, em Hallil, de sintomas importantes: não mais fechamentos de tipo autístico, mas sim brincadeiras com a derrisão, uma desestruturação da linguagem, ficando, às vezes, a cadeia de seu discurso tomada por onomatopéias ou ruídos guturais. De novo, ele fazia apelo a nomes próprios de marcas como Phillips, marcas que, num primeiro tempo de acesso à fala, lhe haviam servido de prótese do nome do pai.¹

Na véspera do nascimento do irmão, como ele repetisse que iam comprar um bebê, e evocasse sem parar as marcas Phillips e Sony, propus-lhe que falássemos desse assunto com a mãe. Disse à senhora, muito seriamente, que seu filho se perguntava de que marca era o bebê que ia ser comprado, se seria Phillips ou Sony. A fórmula da "compra do bebê" não a chocou, era assim que se anunciavam os nascimentos na família. Mas essa indagação sobre a marca da criança fê-la titubear. Depois, ela se acalmou, compreendeu do que é que o filho estava falando e respondeu encantada: "Mas é claro! Será um bebê..." e deu seu próprio sobrenome paterno de solteira. Ao escutá-la, o filho desenhou um boneco de barba. Perguntei-lhe se ela conhecia alguém de barba. É

¹ Laznik-Penot, M.C. "De l'image au dessin en passant par la lettre", in *La Psychanalyse de l'Enfant*, n° 8; revista da Association Freudienne.

óbvio, seus irmãos têm barba, já que são todos Haj, isto é, fizeram a peregrinação a Meca. Inútil precisar que o pai de Hallil não o é...

Desde antes do nascimento do irmão, eu percebia a que ponto, para Hallil, o sobrenome de seu pai não somente não era, para ele, portador de um traço diferencial que lhe teria permitido sustentar-se por um corte com o todo materno, mas não era tampouco metafórico de um lugar fálico com referência à mãe. Para Hallil, o nascimento do bebê não resolve nada. Ele é muito desorganizado; deseja muito, no entanto, que sua mãe venha mostrar o irmãozinho no ambulatório em que o atendo, o que a mãe fará por ocasião de uma das sessões.

Vejo chegar a mãe com o bebê nos braços, e Hallil a seu lado. Ele parece um tanto contente e me chama para ir ver o bebê. É então que, como em um conto de fadas, vários membros femininos da equipe surgem, com exclamações de encantamento. Cercam o bebê, parecendo ignorar a existência de Hallil que se achava afastado do centro da cena. A mãe, visivelmente, frui do embevecimento geral suscitado pelo bebê.

Vejo Hallil ficar lívido, petrificado e, depois, pôr-se a contemplar com um olhar amargo o irmão que, com sorrisos, responde a todos esses olhares que o envolvem.

Nesse exato momento, aquilato a dimensão dramática da situação. Aqueles olhares, voltados apenas para o bebê, são vitais para Hallil que olhou tão tarde, ele que foi olhado durante tanto tempo como um puro real. Eu me permitiria dizer que, para ele, a separação de um olhar fundador do Outro primordial² não está ainda feita. Ali esta ele, pálido, e sinto que nele algo recém-instaurado bascula novamente. Depois, ele se controla, joga-se sobre o irmão para beijá-lo, morde-lhe o pé, o que faz o bebê chorar e a mãe protestar, e dirige-se, sério, para minha sala.

Lembro-me de ter pensado, naquela ocasião, que trabalharíamos o ciúme fraterno; entretanto, não surgiram traços.

Durante as sessões dos quatro meses subseqüentes, o que Hallil apresentava muitas vezes eram momentos bem longos em que sua linguagem se desorganizava e em que seu corpo tornava-se o lugar de expressão de ruídos guturais, difíceis de imitar, tipos de explosões sonoras, emitidas por um sujeito que era apenas o da derrisão gozosa. Esses momentos pareciam alternar com outros, em que ele podia representar uma família utilizando pequenos personagens. O repetitivo em todos esses roteiros era a necessidade de que

² Acerca dessa noção de olhar fundador, ver Laznik-Penot, M.C.: In *La Psychanalyse de l'Enfant*, n.º 10, revista da Association Freudienne.

nada jamais separasse o bebê da mãe. Outras crianças eram representadas, um pouco à parte; o bebê e a mãe, porém, formavam uma unidade indissolúvel e como que sagrada.

Não apenas não punha em cena qualquer representação de ciúme, como repelia, de forma veemente, as poucas tentativas que fiz para introduzir na brincadeira a figura de um irmão ciumento, que desejava afastar o bebê. Ele, Hallil, propunha apenas a cena fixa e imutável da completude materna. Entretanto, diante dessa cena, Hallil ficava de novo aniquilado como sujeito. Perdia-se em uma derrisão na qual parecia comprazer-se.

A morte do irmão

Em julho, é o irmão mais velho que o traz, e naquele momento não percebo que as duas crianças estão muito pálidas.

No consultório, ele me relata de saída uma história que me parece literalmente inverossímil: "Não existe mais bebê", avisa-me. "Comi uma cenoura, aí dei uma cenoura a M., o bebê, então os bombeiros chegaram, aí M. morreu e papai embarcou com M. para a Turquia, de avião".

Em um primeiro momento hesito, pergunto-me se não se trata de uma fantasia, apesar de essa criança não ter jamais podido, até àquele momento, expressar alguma. Telefono à mãe que me conta, com uma voz sumida, o que se passara: Hallil deu uma cenoura ao irmãozinho que se engasgou, nem o médico nem os bombeiros conseguiram salvá-lo e o bebê morreu. Pergunto a ela o que disseram a Hallil. Nada, responde a mãe, "não adiantaria nada fazer um segundo morto." Ela acrescenta que de qualquer jeito é inútil cuidar dele de alguma maneira.

Na ocasião, estávamos em julho, véspera das férias. Organiza-se uma visita domiciliar com dois membros da equipe, que acompanham as crianças de volta à sua casa. Digo-lhes que proponham à mãe uma sessão extraordinária para o dia seguinte.

Essa visita domiciliar vai ser muito importante para a mãe e para o filho; direi que vai literalmente marcar uma data importante. A mãe relata aos dois membros da equipe como havia descascado quatro cenouras que pusera em um prato na geladeira, avisando que só havia uma para cada pessoa, para evitar brigas, já que as crianças pareciam gostar muito de cenoura. Hallil tem dois irmãos mais velhos. Cada um dos meninos pegou sua cenoura e a mãe saiu para fazer compras. Hallil, então, pegou a quarta cenoura e

— difratado naqueles numerosos olhares de mulheres à volta do bebê (tornaremos a falar do lugar do olhar para uma criança autista) — ao mesmo tempo em que se conscientiza de que é dele privado por aquela outra criança *i(a)*, seu irmão mais novo que, para ele, não é absolutamente outrem, mas apenas a própria imagem de uma completude que o exclui. No caso geral da constituição do sujeito do desejo, depois desse “fading” inicial, dessa queda nas profundezas, haverá de novo um sujeito que se terá coberto outra vez com o pêlo da fera — se me permitem a expressão —, ou melhor, com o pêlo da barra, e que começará uma relação triangular com o objeto causa de seu desejo, e com aquele que se terá transformado na mesma ocasião em outrem, seu rival, seu semelhante. Estamos, então, no que Lacan denominou ciúme fraterno propriamente dito.

Todavia o caso Hallil nos ensina um outro avatar da mesma fórmula: quando a fantasia, como definida acima, não chegou a se constituir, a experiência adquirirá, então, valor negativo, destruidor para o sujeito. Se uma criança não puder suportar a ressonância do desejo em seu ser, essa revelação de sua falta fundamental, se ela permanecer completamente fascinada por aquela imagem de completude, ela poderá realizar uma autodestruição passional, anular-se como sujeito de forma radical, definitiva mesmo. Nesse caso, não há mais quiasma, não há mais fórmula da fantasia. No lugar, um suicídio “soft”: o sujeito reabsorvido inteiramente, não apenas naquela imagem especular *i(a)* mas, por intermediário da satisfação entrevista, reabsorvido no Outro materno.

Durante os quatro meses que se seguiram ao nascimento do irmão, nos momentos bem longos em que a linguagem de Hallil se desorganizava e em que seu corpo se transformava no lugar de ruídos guturais, tipos de explosões sonoras, eu havia dito que aquilo correspondia à escolha de não ser mais nenhum sujeito a não ser o da derrisão gozosa.

Se um ser humano, frente à emergência de seu desejo, não dispõe dos meios de se sustentar como radicalmente em falta desse objeto necessariamente perdido, ele pode optar por uma fusão original do UM materno. Poderíamos dizer que é a posição de Hallil naquele tempo — é um caso de aspecto bastante corriqueiro em antigos autistas; é o que se denomina uma evolução deficitária.

Desde aquele momento, não é estranho o fato de Hallil me ter mostrado, de forma repetida, aquela imagem de completude bebê-mãe, diante da qual se anulava na derrisão enquanto meus esforços de abertura do espaço imaginário para a fantasia de ciúme se revelavam totalmente infrutíferos.

Agostinho, ou então, se já é algo que ele poderia conceber como uma apreensão da ordem simbólica. Se Lacan insiste no fato de que a cena agostiniana é uma experiência crucial, é realmente porque o sujeito barrado vai vir — ou então, não vir, acrescentarei — ali se constituir. Com efeito, esse sujeito barrado pode não se constituir mas, pelo contrário, se barrar, aterrorizado diante da dificuldade desse momento de emergência do desejo.

Em seu Seminário sobre a Identificação⁵, Lacan diz textualmente que esse objeto, que vem ali se constituir como objeto perdido, se refere a uma perda da própria imagem, a uma perda no eu. Por causa disso, o sujeito barrado somente vai instalar-se na condição de suportar essa perda na imagem, essa "repercussão do desejo até ao mais íntimo de seu ser, essa ameaça que o abala em seus próprios fundamentos, revelando sua falta fundamental." Isto nos leva a formular que possa haver casos em que a subjetivação não é suficiente para permitir instalações fantasmáticas. Utilizaremos ainda um elemento suplementar de conceitualização: a distinção feita por Lacan entre a INVIDIA e o ciúme no seminário *Os quatro conceitos fundamentais*.⁶ A cena agostiniana será analisada, então, como momento fundador dessa inveja, quando o outro não é para o sujeito nada mais que a imagem fundadora de seu desejo, diante da qual ele empalidece, porque ela é a própria imagem de uma completude que torna a se fechar (entre $i(a)$ e o objeto a). Quanto ao termo de ciúme fraterno, ele vai concernir a um sujeito já subjetividade, barrado e, por isso mesmo, separado de seu semelhante, que ele poderá considerar como um outrem e, por essa razão aliás, odiar alegremente.

Vejamos agora como essa conceitualização virá aclarar o material do caso clínico de que dispomos.

A fórmula aplicada ao caso clínico

Tentaremos aplicar a fórmula à cena em que Hallil empalidece diante de todos os olhares que se concentram no irmão.

Para Hallil, eu não hesitaria em escrever Si, o sujeito do empalidecimento e da autodestruição passional. Esse sujeito se conscientiza do objeto a — no caso que nos interessa, o olhar materno — considerado como olhar do Outro

⁵ J. Lacan, seminário "L'Identification", inédito, 14 de março de 1962.

⁶ J. Lacan, seminário *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Seuil, Paris, 1973, p.65-109.

Análise da passagem ao ato

Após termos descrito a impossibilidade, na qual se encontra Hallil, de construir uma verdadeira relação de ciúme, por não poder manter uma separação entre um outro diferente de sua própria imagem e ele próprio, ficaríamos inclinados a interpretar o acontecimento que causou a morte do irmão mais como um efeito de transitivismo do que como um desejo verdadeiro de destruir um rival. Nesta hipótese, poderíamos supor que para manter o mais aproximadamente possível a colagem entre seu eu e sua imagem de completude projetada no irmão, tornava-se indispensável que essa imagem de si próprio não fosse excluída de qualquer gozo a ele referente. Se ele comia e gostava de cenoura, sua imagem não podia se achar faltosa.

A instalação do tempo, do passado, e a representação do objeto ausente

Ao voltar das férias, no decorrer da sessão, Hallil me perguntou: "Me diz, qual foi o dia em que vim te ver e em que as senhoras estiveram em minha casa?" Respondi-lhe que tinha sido uma sexta-feira. "E em que dia minha mãe telefonou para tua casa dizendo que não ia me trazer ao teu consultório?" Respondi-lhe que tinha sido no dia seguinte, um sábado. "Tá bem; e em que dia peguei o trem com minha mãe e meu irmão para ir para a Alemanha?" Disse-lhe que tinha sido dois dias depois, no domingo.

E ele repetiu, como para si mesmo, mas com muita atenção, essas três referências temporais. A partir daquele dia, o tempo se instalou de forma definitiva naquele antigo autista que só conhecia até aquele momento o presente absoluto. O tempo começou a passar, não exatamente a partir da morte do irmão, mas sim a partir da data em que esse fato havia sido relatado.

No final dessa mesma sessão, pediu para ir buscar a mãe e, diante dela, me disse: "Vou te contar o que aconteceu na Alemanha, quando lá não estavas e meu pai também não; ele estava na Turquia." Não somente essa criança falou de um fato passado, situando o verbo no passado, o que jamais fizera anteriormente, como ainda pôde nomear, enquanto tal, o tempo da ausência de sua terapeuta e do pai.

Marie Christine Laznik-Penot
Associação Freudiana Internacional — Paris

Tradução: Maria Cecília S. d'Egmont